

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de História

Disciplina: História Antiga II (FLH 0106)

Responsável: Marcelo Rede

Seminário piloto

a) Homero - Ilíada, VI, 186-237

[Glauco] - (...) Quanto a mim, foi Hipolochos que me deu à luz; eu assevero ser seu filho. Enviando-me para Ílion, ele recomendou, com insistência, que eu fosse sempre bravo, acima de todos os demais, não desonrando a raça de meus pais, que foram, e de longe, os mais valentes guerreiros na imensa Lícia, como no Éphiro. Eis meu sangue; eis minha raça; dela me orgulho!

Assim Falou Glauco, e Diomedes com um grito poderoso regozijou-se. No solo nutridor ele fincou sua lança, e com doçura disse ao pastor de homens:

[Diomedes] - Então, és um hóspede antigo, hereditário, que eu encontro em ti!? Pois o divino Oeneus, em outros tempos, recebeu em seu próprio palácio o grande Belerofon. Ele reteve-o lá durante vinte dias. Fizeram-se reciprocamente esplendorosos presentes: Oeneus ofereceu um cinturão de cor púrpura resplandecente; de Belerofon, ele recebeu uma taça com duas alças, feita de ouro, que, quando parti, deixei em meu palácio. (...) Assim, eu sou teu hóspede no interior da Argólida e tu és meu hospedeiro, na Lícia, para onde talvez retorne algum dia. Evitemos, doravante, a lança um do outro. Eu, entre os troianos e seus ilustres aliados, poderia massacrar muitos outros heróis, seja por que a meus golpes um deus os apresente, seja por que eu consiga alcançá-los em uma corrida. E tu, por teu lado, poderás matar muitos outros aqueus. Vamos! Façamos a troca de nossas armas: dessa forma, mostrar-se-á que somos ambos hóspedes hereditários, e não nos envergonhemos disso.

Tendo esse propósito, saltaram de seus carros e cumprimentaram-se, selando o compromisso. Mas Glauco, nesse momento, teve o espírito turvado pelo crônida Zeus: as armas que ele recebeu, aquelas de Diomedes, Herói filho de Tideu, eram armas de bronze, que valiam nove bois, e aquelas que lhe dera eram armas de ouro, que valiam cem bois.

b) Homero - *Ilíada*, VII,65ss.

Heitor toma a palavra e se dirige aos dois exércitos:

- Escutai-me, troianos e aqueus, e eu vos direi o que me inspira o coração. Nosso pacto não foi ratificado pelo Crônida assentado nas alturas do céu. Ele não reserva a nossos povos senão males: ou bem destinando a vós tomar Ílion de bons muros ou perecer junto a vossas embarcações. Tendes dentre vós guerreiros valorosos! Que um digno-se a lutar contra mim; que venha; que saia de suas fileiras e seja vosso campeão contra o divino Heitor. Eu declaro, tendo Zeus como testemunha: se esse valoroso dominar-me com o bronze agudo, que ele me dispa de minha armadura e a leve consigo; mas deixe meu corpo para que o consuma em chamas os troianos e suas mulheres. Se, ao contrário, for eu que o bata - e que Apolo me conceda a glória -, então, após havê-lo despojado das armas, eu as levarei à sagrada Ílion e as exibirei no templo do bom arqueiro, Apolo, mas deixarei seu corpo e o farei carregar às robustas embarcações, para que os aqueus de cabelos longos possam sepultá-lo. Atirando sobre ele a terra, erguerão um túmulo sobre as bordas do imenso Helesponto. Assim, no futuro, ainda que longínquo, quando se atravessar o mar, exclamar-se-á: "Vede lá a tumba de um guerreiro morto outrora, de um valoroso que foi morto arrostando-se com o brilhante Heitor." Assim falarão, e minha glória jamais perecerá.